

## Encontros de Sociologia Pragmática

### *Travessuras dos tempos modernos: inquietudes e dessorseços que nos habitam num mundo global*

Évora, 1, 2 e 3 de setembro de 2022. *Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora*

As interrogações são expressões de inquietações diversas. As impressões que deixamos aos outros e os outros a nós também nos deixam apoquentações díspares. Os medos ou os receios sobre o futuro sempre atualizado em cada presente trazem também outros tormentos carregados de dúvidas. O que se passa hoje nos mundos em que habitamos com frequências variadas? O que nos trazem as inquietações quando somos surpreendidos com acontecimentos ou ocorrências inesperadas, no dia a dia face a notícias que são produzidas por diversas fontes?

No habitual tratamento suscitado por dúvidas que alimentam curiosidades dos cientistas sociais, a dicotomia entre o universal e o particular assenta frequentemente em condições empíricas (isto é, condições socio-históricas) específicas, não correspondendo necessariamente a uma efetiva oposição lógica (Damouchel & Gotoh, 2015). Ora, no caso específico das sociedades ocidentais contemporâneas, a dicotomia entre o universal e o particular surge particularmente contraditada num contexto de multiculturalismo, forte mobilidade populacional e reivindicações no espaço público de diferentes grupos e minorias (étnicas, religiosas, sexuais, género, territoriais, etc.). Por outro lado, no contexto das relações dos atores nas instituições contemporâneas, assiste-se a uma *moralização* da crítica social (Zaccai-Reyners, 2008), em que o apelo à semântica do *respeito* surge em paralelo com a emergência de questões como a da *hospitalidade* (Stavo-Debaugé, 2018), do *reconhecimento* (Honneth, 2011, Thévenot, 2007, Breviglieri, 2016), da *decência* (Margalit, 1996) ou do *cuidado* (Paperman, 2008, Pattaroni, 2006) quando os atores se pronunciam criticamente sobre o funcionamento das instituições e sobre as

formas de fazer o comum – não circunscritas a concepções de justiça com validade universal, assentes em convenções de grande alcance e alheadas de particularismos e do reconhecimento da alteridade e da diferença do outro.

A dicotomia entre o universal e o particular pressupõe a existência de grupos minoritários e a sua pertença, em medidas variáveis, a uma comunidade política. Esta dualidade recai sobre a forma como as demarcações entre subgrupos e a população mais abrangente são construídas – isto é, como os atores sociais concebem estas *ligações e fronteiras* e como elas se materializam nas relações sociais (Dumouchel & Gotoh, 2015). São justamente as formas de envolvimento para obter a comunalidade, sobre o modo como os atores fazem o comum, que a Sociologia Pragmática pretende descrever e analisar, ultrapassando visões binárias. Iniciando-se a partir do trabalho seminal em torno do trabalho justificativo dos atores sociais (Boltanski & Thévenot, 2006 [1991]), e ampliando-o para diferentes escalas de envolvimento com o ambiente desenvolvido posteriormente por Laurent Thévenot (Thévenot, 2006), este quadro teórico-conceitual adquire uma nova evolução com a introdução da noção de múltiplas *gramáticas de comunalidade no plural*, focado no modo como os atores incluem as discórdias e legitimam as diferenças, mantendo comunidades compósitas e conflituantes (Thévenot, 2014; Eranti, 2018). São, nomeadamente, três as gramáticas conceptualizadas: gramática das *afinidades a lugares-comuns*, gramática dos *indivíduos num público liberal* e gramática das *ordens de grandeza plurais*. Cada gramática apresenta potencialidades na fabricação do comum – bem como limitações, que podem igualmente conduzir a exclusões (Thévenot, 2015; Stavo-Debauge, 2014).

Ora, a *gramática liberal* constitui a via privilegiada para abarcar a pluralidade de formas de agir e os diferentes subgrupos numa dada comunidade (Stavo-Debauge, 2014). Enquanto formato relacional assente na transformação de ligações familiares/íntimas (desqualificando-as) em preferências individuais publicamente disponíveis (Thévenot, 2014), esta gramática abre a possibilidade de acolher populações fortemente diferenciadas; e sendo aquela que trata o recém-chegado num patamar de igualdade, revela-se imperativa nas sociedades contemporâneas migratórias e perante os desafios que essa realidade acarreta do ponto de vista da integração de indivíduos oriundos de diferentes contextos socioculturais (Stavo-Debauge, 2014). No entanto, o requisito de *civilidade liberal* recai sobre todos os membros da comunidade, implicando, quer um

desprendimento de laços familiares, quer envolvimentos em referência a formas de bem comum em função das quais as ações são (des)qualificadas (*Idem*) – requisito de assimilação suscetível de se afigurar *opressivo*, não apenas para o recém-chegado, mas também para os membros de longa data da comunidade.

Efetivamente, este formato relacional, dominante num contexto de multiculturalismo, de pluralidade de lógicas atuantes coexistentes e forte mobilidade populacional e correntes migratórias nas sociedades democráticas ocidentais (Thévenot, 2015), é suscetível de gerar inquietações, decorrentes da opressão do formato de construção da comunalidade a partir da gramática liberal sobre outras gramáticas num contexto de modernidade globalizada. A emergência de agendas e movimentos no espaço público em torno das *novas desigualdades* e as comumente designadas *políticas identitárias* (Thévenot & Lamont, 2002), mas igualmente a intensificação de movimentos migratórios e fenómenos como crises de refugiados tem, por sua vez, suscitado reações *antiliberais* e *populistas* ao reconhecimento dos direitos das minorias e assentes em retóricas de decadência moral causada pelas importações culturais no contexto de multiculturalismo e pluralismo religioso (Gajdoš & Rapošová, 2018). Assiste-se, pois, a mobilizações de reação e resistência ao liberalismo como reportório cultural de avaliação (Thévenot & Lamont, 2002) e de coordenação entre indivíduos para fazer a comunalidade mediante a ação e comunicação no espaço público alicerçadas em afinidades a lugares-comuns.

Se entendermos o fenómeno do populismo enquanto argumentação no espaço público que representa *o povo* contra a *elite*, o apelo às emoções e a evocação de familiaridade constitui uma forma eficaz de *fazer populismo* (Ylä-Antilla, 2016). A sua ação política assenta na valorização da experiência comum, implicando um envolvimento em familiaridade; caracteriza-se pela capacidade de inspirar emoções e alicerçar identidades enquanto plataformas de comunicação – excluindo, conseqüentemente, aquele que é o *estranho* e que se revela distanciado da experiência familiar relativamente à composição de lugares-comuns que define a pertença a determinada comunidade política.

No entanto, importa ter em conta que se os lugares-comuns podem ser apropriados com intenções exclusivistas, podem, igualmente, ser mobilizados com intuitos inclusivistas (Thévenot, 2015). Na análise das suas múltiplas manifestações empíricas,

esta gramática de comunalidade no plural é suscetível de assentar no princípio da humanidade comum, não devendo ser reduzida a um mero arcaísmo no quadro do espaço público das democracias liberais ocidentais (Idem). Ora, essas manifestações empíricas não se circunscrevem-se só às circulações dos imigrantes e dos refugiados. São transversais a toda a humanidade que habita em cada um e em nós e que são ilustradas por diversos problemas públicos – dos fenómenos de violência do foro doméstico à solidão dos mais envelhecidos e dos humanos em fim de vida, das clivagens de género às reivindicações a propósito das fronteiras híbridas de género ou das novas formas de conjugalidade; aos desafios da democratização de acesso e de uso aos bens públicos; às controvérsias sobre a crise energética; às modalidades de demanda de proteção e cuidado; às hesitações nos envolvimento solidários, dos gestos de doação, das maneiras de amar, de ser estimado nas suas (in) diferenças; nos fenómenos de desatenção civil ou de desaparego aos que manifestam sofrimentos e vulnerabilidades singulares ou múltiplas; aos que evitam envolverem-se em causas e proclamam a apatia como *modus vivendi*, etc.

\*

Feito este enquadramento, pretendemos conhecer, numa perspetiva comparada, contribuições de pesquisas, em curso ou já finalizadas, sobre a experiência mobilizada pelos atores em países com diferentes tradições, marcadas pelas geografias cartografadas a leste ou a oeste, a norte ou a sul. Que inquietações emergem nestes diferentes contextos sociais, manifestando-se empiricamente em distintas composições? Como se articulam as gramáticas de construção da comunalidade, e como convergem e se antagonizam em diferentes contextos e campos de ação? Como se envolvem os atores em diferentes formatos de envolvimento na ação na composição do comum? Como é que as afinidades a lugares-comuns são suscetíveis de serem apresentadas como justificadas no espaço público ou resignificadas em escolhas publicamente disponíveis? De que forma se articulam e se confrontam com as gramáticas mais públicas (liberal e das ordens de grandeza plurais)? Como se deslocam ou não do público ao íntimo, do íntimo ao público?

A análise dos formatos de envolvimento e do trabalho de qualificação realizado pelos membros de uma ação coletiva, singular ou de reivindicação no espaço público é suscetível de evidenciar, em distintos contextos sociais, diferentes composições de ordens

de grandeza, para lá da conceção liberal dos direitos legais individuais, mas também a articulação das gramáticas mais públicas (de justificação pública e liberal) com a gramática dos lugares-comuns (Lebedev, 2013; Lamont & Thévenot, 2002). A Sociologia Pragmática constitui um instrumento analítico particularmente profícuo para perscrutar inquietações geradas pelas tensões entre as diferentes gramáticas de confeção do comum – numa ótica de composições plurais que, reforce-se, transcende interpretações dicotómicas entre universalismo e particularismo.

Dando continuidade aos oito Encontros já anteriormente realizados (em Portalegre e, no caso da última edição, na cidade de Coimbra), a ênfase é colocada nos projetos de pesquisa que têm vindo a ser desenvolvidos no âmbito do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, enquadrados num programa de investigação fortemente alicerçado e designado *Fazer, (des)fazer e (re)fazer o comum no plural nas socialidades modernas: controvérsias, vulnerabilidades e reconhecimentos em mundos plurais*. Acresce que o trabalho realizado, segundo a matriz científica da Sociologia Pragmática, conta já com um número considerável de dissertações de mestrado, teses de doutoramento, projetos de pós-doutoramento e de investigação, alguns em curso e outros já concluídos.

Esta linha de investigação que tem vindo a ser desenvolvida na última década por um grupo de investigadores integra igualmente redes científicas de cooperação a nível nacional e internacional, como acontece com o Observatório da Juventude do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) ou a Coordenação Interdisciplinar para a Investigação e Inovação (C3i) do Instituto Politécnico de Portalegre (IPP); em França, com equipas de pesquisa lideradas por Laurent Thévenot, Diretor de Estudos da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, e ainda com o INCT-InEAC – Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional dos Conflitos da Universidade Federal Fluminense do estado do Rio de Janeiro no Brasil.

É, deste modo, assente neste enquadramento comum e geral, que se constroem os seguintes eixos temáticos dos *Encontros de Sociologia Pragmática* a realizar em Évora em setembro de 2022:

- 1) As habitabilidades em espaços e em tempos (des)compassados;
- 2) Do direito de visita à hospitalidade: do público ao íntimo;
- 3) O lugar e as representações da fronteira: circular, trocar e fixar;

- 4) As (des) crenças nos saberes: do mágico-mítico à produção científica;
- 5) Estar vivo e ser humano: desacomodações instáveis em mundos no plural;
- 6) O estrangeiro no terreno

### **Comissão Organizadora:**

David Beirante (CICS.NOVA)  
Bruno Dionísio (CICS.NOVA, U. Évora)  
José Manuel Resende (CICS.NOVA, U. Évora)  
José Maria Carvalho (CICS.NOVA, U. Évora)  
Luís Gouveia (CICS.NOVA)  
Mafalda Beirante  
Pedro Duarte (CICS.NOVA, IPV/ESTGL)  
Rosália Guerra (UI&D, U. Évora)

### **Comissão científica:**

Alexandre Cotovio Martins (CICS.NOVA)	José Manuel Resende (CICS.NOVA, U. Évora)
Beatriz Xavier (CICS.NOVA)	Pedro Caetano (CICS.NOVA)
Bruno Dionísio (CICS.NOVA, U. Évora)	Pedro Duarte (CICS.NOVA,)
Catarina Delaunay (CICS.NOVA)	Luís Gouveia (CICS.NOVA)
David Beirante (CICS.NOVA)	José Maria Carvalho (CICS.NOVA)
Fábio Reis Mota (INCT-InEAC)	Marc Breviglieri (HETS - HES-SO)

### **Referências:**

- Boltanski, Luc & Thévenot, Laurent (2006 [1991]), *On Justification. Economies of Worth*, New Jersey, Princeton University Press.
- Breviglieri, Marc (2016), Pensar a dignidade sem falar a linguagem da capacidade de agir: uma discussão crítica sobre o pragmatismo sociológico e a teoria do reconhecimento de Axel Honneth”, *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, vol, 1, no. 6, pp. 11-34.

- Eranti, Viikko (2018), “Engagements, grammars, and the public: From the liberal grammar to individual interests”, *European Journal of Cultural and Political Sociology*. DOI: 10.1080/23254823.2018.1442733.
- Dumouchel, Paul & Gotoh, Reiko (2005), “Of Bonds and Boundaries”, in Paul Dumouchel & Reiko Gotoh (eds.), *Social Bonds as Freedom. Revisiting the Dichotomy of the Universal and the Particular*, New York, Berghahn Books, pp. 1–23.,
- Gajdoš, Adam & Rapošová, Ivana (2018), “Juggling grammars, translating commonplace: Justifying an anti-liberal referendum to a liberal public”, *European Journal of Cultural and Political Sociology*, Doi: 10.1080/23254823.2018.1436448.
- Lamont, Michèle & Thévenot, Laurent (eds.) (2002), *Rethinking comparative cultural sociology. Repertoires of evaluation in France and the United States*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Lebedev, Anna Colin (2013), *Le Cœur politique des mères*. Paris, Éditions l’EHESS.
- Margalit, Avishai (1996), *The decent society*, London, Harvard University Press.
- Paperman, Patricia (2008), “Tenir la distance et regarder de près : l’éthique du *care* et le respect des proches”, in Nathalie Zaccai-Reyners (ed), *Questions de respect. Enquête sur les figures contemporaines du respect*, Bruxelles, Éditions de l’Université de Bruxelles, pp. 85-95.
- Pattaroni, Luca (2006), “Le care est-il institutionnalisable? Quand la ‘politique du care’ émousse son éthique”, in Patricia Paperman & Sandra Laugier (Eds.), *Le souci des autres*, Paris, Éditions de l’EHESS, pp. 177–203.
- Stavo-Debaugé, Joan (2014), “L’idéal participatif ébranlé par l’accueil de l’étranger. L’hospitalité et l’appartenance en tension dans une communauté militante”, *Participations*, vol. 9, no 2, pp. 37–70.
- Stavo-Debaugé, Joan (2018), *Qu’est-ce que l’hospitalité. Recevoir l’étranger à la communauté*, Montréal, Liber.
- Thévenot, Laurent (2006), *L’action au pluriel. Sociologie des régimes d’engagement*, Paris, Éditions La Découverte.
- Thévenot, Laurent (2007), “Reconnaissances: avec Paul Ricoeur et Axel Honneth”, in Alain Caillé (Dir.), *La quête de reconnaissance. Nouveau phénomène social total*, Paris, Éditions La Découverte, pp. 269-283.

- Thévenot, Laurent (2014), “Voicing concern and difference: From public spaces to commonplaces”, *European Journal of Cultural and Political Sociology*, vol. 1, pp. 7–34.
- Thévenot, Laurent (2015), “Making commonality in the plural on the basis of binding engagements”, in Paul Dumouchel and Gotoh, Reiko (eds.), *Social Bonds as Freedom. Revisiting the Dichotomy of the Universal and the Particular*. New York: Berghahn Books, pp. 82–108.
- Ylä-Antilla, Tuukkla (2016), “Familiarity as a tool of populism: Political appropriation of shared experiences and the case of *Suvivirsi*”, *Acta Sociologica*, vol. 60, no. 4, pp. 342-357.
- Zaccai-Reyners, Nathalie (2008), *Questions de respect. Enquête sur les figures contemporaines du respect*, Bruxelles, Éditions de l’Université de Bruxelles.